

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

YAZANA GUARESÍ

**ENTRE CHEGADAS E PARTIDAS: A RODOVIÁRIA COMO LUGAR PARA O
ENSINO DE GEOGRAFIA**

Porto Alegre
2014

YAZANA GUARESÍ

**ENTRE CHEGADAS E PARTIDAS: A RODOVIÁRIA COMO LUGAR PARA O
ENSINO DE GEOGRAFIA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Licenciatura
em Geografia como requisito parcial
para obtenção do título de licenciada.

Orientador: Prof. Dr. Nelson Rego

Porto Alegre
2014

YAZANA GUARESÍ

**ENTRE CHEGADAS E PARTIDAS: A RODOVIÁRIA COMO LUGAR PARA O
ENSINO DE GEOGRAFIA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Licenciatura
em Geografia como requisito parcial
para obtenção do título de licenciada.

Aprovado em _____ de _____ de 2014.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Cláudia Luísa Zeferino Pires

Prof.^a Dr.^a Roselane Zordan Costela

Cada um de nós é lar para o outro, meu avô e eu! Você sabe o que quero dizer por lar? Não quero dizer um lar regular. O que quero dizer é que não me importa o que as outras pessoas querem dizer quando elas falam de um lar, porque não considero um lar como um... bem, um prédio... uma casa... de madeira, tijolos, pedra. Penso em lar como uma coisa que existe entre duas pessoas na qual cada uma pode... bem, ser lugar, se aninhar - descansar - viver nela, emocionalmente falando. Sr. Shannon, isto lhe faz algum sentido?

Tennessee Williams. The Night of the Iguana. New York, 1962, Ato 3.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pela oportunidade de formação em uma instituição que se mantém pública e de qualidade. Mais ainda aqueles que com seus impostos contribuem para que essa e tantas outras formações se tornem realidades, mesmo que esses por vezes, nunca tenham a oportunidade de estudar neste estabelecimento. Que um dia a universidade possa assim, ser pública, de qualidade e para todos.

Ainda na formação acadêmica, esta instituição me proporcionou ter professores que vão além da sala de aula, são orientadores de caminhada: meus agradecimentos ao professor Nelson Rego, que através do seu carisma faz com que cenários geográficos se montem a partir de uma simples ideia, acreditando e mantendo o foco pacientemente na proposta e trazendo para a Geografia, a simplicidade e a afetividade que tomo como exemplo para levar adiante. Ainda na área da educação, agradeço aos múltiplos ensinamentos do professor Nestor Kaercher que entrelaçam ainda mais o lugar de vivência do aluno e o ensino. Também à professora Cláudia Pires que mostra no seu cotidiano a afetividade na Geografia e ao professor Álvaro, que através de suas leituras, fez-me perambular por textos que hoje também constituem as geografias que carrego comigo.

Dentro e fora das salas de aula da UFRGS, me sobram agradecimentos para minhas colegas que tornaram a faculdade mais afetiva: Cecília, Karol e Márcia - que se fizeram presentes desde o início - e aquelas que se juntaram ao longo do percurso, sendo de extrema importância: à Dilse pelo companheirismo e à Lizandra pelo incentivo inicial que deu a esta tarefa. Também agradeço aos colegas de estágio, com os quais a reflexão e diálogo acerca da docência foram à inspiração para este trabalho.

Se sobram pessoas para agradecer em Porto Alegre têm ainda mais em Caxias do Sul: aos amigos do São Chico, pela compreensão, pelo apoio e pelos sorrisos que mesmo à distância se fizeram presentes através da memória. À Carol, Carine, Jéssica e Andressa que mais que amigas, são irmãs! De um jeito ou de outro, da amizade mais antiga até a mais recente, sempre com suas palavras esperançosas, sabia que elas estavam junto comigo.

Agradeço imensamente ao meu pai Moacir, por me fazer continuar mesmo que muitas fossem as intempéries. Obrigada pelas orações, pelas palavras de conforto e por me incentivar sempre, deixando de realizar os teus sonhos para que os meus fossem possíveis! Se hoje escolho a rodoviária como assunto final para o meu trabalho de conclusão, é porque incansavelmente o senhor se fazia presente lá, entre chegadas e partidas, independente de horários. É meu exemplo de luta, de coragem e de conquista!

Também agradeço a minha mãe Sueli, que mesmo na curta passagem, mostrou que através do sorriso podemos mudar a vida das pessoas que estão ao nosso redor. Onde quer que esteja o tempo não apaga a saudade que o coração insiste em demonstrar diariamente.

Ao meu irmão Thiago, meu segundo pai e um dos principais incentivadores desta caminhada. Se hoje concluo esta etapa, é porque tu iniciaste e mostraste que a chegada era possível. Obrigada pelos sorrisos e pela simplicidade em tudo o que fazes!

À minha irmã Sayonara, minha “puxadora de orelha” oficial! Através das nossas diferenças, hoje descobrimos o quanto somos iguais. Sei que teus conselhos, mesmo por mim incompreensíveis, sempre foram para que eu não me machucasse ao longo do caminho. Aprendi contigo a perseverar e jamais desistir!

Às minhas sobrinhas que me mostram que as alegrias dessa vida se fazem nas pequenas coisas: a Bruna, que com seu coração gigantesco e bondoso me ensina a ter calma nas diferentes situações; e a Isabela que com seu coraçãozinho ainda pequenino, mostra a singeleza para cada um que se aproxima.

Ao meu irresistivelmente amoroso Ricardo, pela oportunidade que me dá de construirmos uma só história, repleta de carinho, respeito e admiração. Sou grata por me mostrar a dimensão do amor e por através dele, encher minha vida de sorrisos, cor e encanto! Mesmo à distância, o teu companheirismo, a tua paciência e o teu apoio fizeram com que para mim, tu estivesses sempre presente! Só posso te agradecer amando-te mais e mais todos os dias!

RESUMO

Este trabalho advém de uma necessidade enquanto aluna-professora de criar práticas para o ensino de Geografia que foquem e deem importância ao lugar, propiciando ao educando a possibilidade de experienciar pontos não convencionais da cidade que ele habita - aos quais, por vezes, o aluno pode até já ter conhecido - mas sem torná-los lugares afetivos para esse. Cabe aqui ressaltar, que o objetivo de trazer a relevância do lugar para esta disciplina na sala de aula, incide em acreditar que a escola não é a única fonte do conhecimento geográfico; e muito menos o professor e o livro didático o são; levando para a sala de aula assim, a multiplicidade de geografias que cada um carrega em si e que constituem parte essencial para que a Geografia como matéria, se torne mais próxima do aluno. Este trabalho traz em seu objetivo também, o uso e a experiência de pontos da cidade - explicitados aqui pela rodoviária - que não se fazem tão rotineiros, tão afetivos ou até que não se façam tão importantes na perspectiva de muitos alunos, mas que estando postos na cidade, são impregnados de sujeitos, de personagens que (re)fazem aquele cenário rotineiramente e que possuem histórias que situam-se em espaços e paisagens que são transportadas na memória, mesmo que a distância geográfica quantitativa em quilômetros se faça pertinente. Por isso, a rodoviária é palco para essa busca e conhecimento de experienciar novos lugares e personagens que a sala de aula torna invisível por não estarem abarcados pelo ensino de Geografia que se faz dentro da escola. A finalidade deste trabalho é fazer com que aquele ambiente que passamos cotidianamente, no qual muitas vezes não percebemos as significações carregadas por ele, se torne um lugar com códigos novos, com uma representação nova e com signos diferenciados; e que estes se apresentem - dentro e fora da sala de aula - como as geografias que cada um carrega.

Palavras-chave: Ensino, Geografia, Lugar, Afetividade, Rodoviária.

SUMÁRIO

???????	9
COMEÇANDO A TER FOCO: A CIDADE E A IDENTIDADE	15
O LUGAR E O NÃO LUGAR... A GEOGRAFIA É AFETIVIDADE SIM	19
MAS POR QUE A RODOVIÁRIA?	27
A RODOVIÁRIA COMO LUGAR PARA O ENSINO DE GEOGRÁFIA	34
A RODOVIÁRIA NÃO É O FIM, É SÓ O COMEÇO	43
REFERÊNCIAS	45

???????

A São Paulo que vem a seguir é construída sobre a comunicação de diferenças urbanas que, no seu relacionamento, constroem o meu mapa. Modelos urbanos que comunicam analogias e contrastes, repulsões e atrações, conflitos e junturas, não poderá nunca coincidir com a suposta “essência” do próprio objeto. Será sempre sua reconstrução aproximativa [...] não existe reconstrução da objetividade sem subjetividade; e que esta subjetividade é também abstração, cujos níveis cognitivos são plasmados por razões e emoções, reflexões e expressões [...] Cada foto de um edifício é em si uma seleção subjetiva e exemplar do objeto, seja porque se transfere para o mapa aquela coisa e não uma outra, seja porque em cada foto existe sempre uma leitura do objeto parcial, subjetiva, e nunca o próprio objeto. (CANEVACCI, 1997, p. 139, 140).

Encontro na fala do antropólogo Massimo Canevacci, a razão primeira pela qual faço Geografia: não somente analisar o espaço como observador, mas estar atuante nele - perceber que nas multifacetadas relações ali presentes existe um lado subjetivo - que não somente aflora em um instante de tempo, mas é passível de ser carregado em nossas memórias durante nossa vida. Com isso, o que podemos construir como conceitos passa por uma trama relacional na qual eu me envolvo com o objeto, não somente ele matéria-física, puro; mas também dotado de sentimentos, emoções e lembranças que este expressa para mim.

Volto isso para a cidade, como em um recorte espacial: espaço da existência, que com suas diferenças urbanas - objetivas e subjetivas - acabam construindo o mapa de cada um. Em relação a este último, entende-se aqui não somente como ferramenta, produto, mas sim como mapa sentimental, lembranças que nos permeiam e que se conectam através da formação de uma possível identidade. A inclusão de uma coisa e não outra em meu mapa, como aponta Canevacci, implica diretamente na forma com que eu me relaciono com esta e de como esta poder-se-á relacionar com as outras que eu já acumulo. Sendo assim, a construção destes mapas é início, meio e fim na constituição de quem eu sou.

Numa sociedade cada vez mais imersa no meio técnico-científico-informacional (SANTOS, 1996), a cidade ganha aspecto relevante através das relações ali objetivadas e subjetivadas, dos seus contrastes, das diferenças. Essa última torna-se então, sobretudo, um espaço de sobreposição de múltiplos olhares, de inúmeras vozes, de diversas ideias, de interesses.

Nesse cenário que se (re)faz diariamente, encontramos elementos que nos fazem construir, ainda que temporariamente, o que concebemos como nossa

possível identidade. Temos assim, não somente uma cidade polifônica, mas também um corpo polifônico (CANEVACCI, 2008), que segundo este mesmo autor, caracteriza-se assim “porque produz, constrói e difunde diferenças através da multiplicidade de linguagens (códigos) somatizadas e tornadas explícitas [...] a comunicação do corpo é produzir e difundir diferenças” (2008, p.114). Constituindo assim o corpo polifônico uma produção e difusão de diferenças, cabe relacionar o quanto essa apropriação de uma linguagem corporal diferenciada implica também numa identificação diferenciada do sujeito com o lugar e com a cidade.

Neste processo contínuo - quase que diário - de (des)construção do meu mapa e sobretudo de mim mesma, coloco neste como o meu objeto de referência dentro da cidade - variando escalas, percepções e sentidos -, o tema central deste presente trabalho: a Estação Rodoviária. E para início deste propósito, referencio novamente o antropólogo:

Ainda assim, enquanto algumas dessas diferenças são imediatamente decodificáveis por qualquer leitor de mapas, outras têm de expressar códigos totalmente novos, de forma tal que até o viajante mais experimentado verá pela primeira vez o lugar representado, mesmo no caso em que tenha estado ali a vida toda.” (CANEVACCI, 1996, p.91)

Como já diria Vinícius de Moraes, “a vida é arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida [...]” e um dos lugares mais propícios para esta arte do (des)encontro é a rodoviária. Busco então, representar esta em meu mapa não somente como lugar de chegadas e partidas de pessoas, mas também de tramas de histórias de sujeitos que se entrelaçam “sem querer”, de corpos que transmitem polifonias diferenciadas, de vindas de esperanças e idas de sonhos e que carregam em si geografias que perpassam as paredes da sala de aula, do quadro negro, do professor. Elas são em si, a própria Geografia: composta de espaços, lugares, identidade e lembranças; a certeza e a dúvida, a coragem e o medo, o começo, um recomeço e talvez um possível fim.

A finalidade deste trabalho é fazer com que aquele ambiente que passamos cotidianamente, no qual muitas vezes não percebemos as significações carregadas por ele, se torne um lugar com códigos novos, com uma representação nova e com signos diferenciados. Que ele seja incluído no meu mapa como o diferente impregnado de subjetividades e que esta feição possa ser utilizada também por

outros sujeitos - educandos e educadores - que, espero que encontrem neste, outras formas de ver, fazer e ser Geografia.

Não busco aqui, entretanto, realizar uma prática de ensino em Geografia - algo como “receita de bolo” em que seguindo corretamente os itens ali prescritos teremos no final um efeito satisfatório. Também não busco aqui, um trabalho formal, carregado de termos e formas pragmáticas, de continuidades descontínuas e de ordens que cumprem indeterminadas regras.

O objetivo deste trabalho vem de uma necessidade enquanto aluna-professora de criar práticas para o ensino de Geografia que foquem e deem importância ao lugar, propiciando ao educando a possibilidade de experienciar pontos não convencionais da cidade que ele habita - aos quais, por vezes, o aluno pode até já ter conhecido - mas sem torná-los lugares afetivos para esse. Cabe aqui ressaltar, que o objetivo de trazer a relevância do lugar para esta disciplina na sala de aula, incide em acreditar que a escola não é a única fonte do conhecimento geográfico; e muito menos o professor e o livro didático o são; levando para a sala de aula assim, a multiplicidade de geografias que cada um carrega em si e que constituem parte essencial para que a Geografia como matéria, se torne mais próxima do aluno - mesmo que a escola e o professor, por vezes, excluam as vivências que o educando traz consigo, pelo motivo de que não estão formalizadas nos currículos e nos livros didáticos, limitando aos muros da escola o saber pelos quais os alunos serão compostos.

Há na Geografia, trabalhos que valorizam o lugar do educando limitando-o somente ao bairro onde vive, as ruas pelas quais passa cotidianamente e estabelece relações de vizinhança (entendendo-se aqui não somente as relações que pendem para o afetivo, mas também para aquelas não cordiais), produzindo a ideia de que o pertencimento do aluno só se faz ali no entorno de sua casa e restringindo a cidade para apenas aquele lugar e para aquele sujeito. Este trabalho traz em seu objetivo também, o uso e a experiência de pontos da cidade que não se fazem tão rotineiros, tão afetivos ou até que não se façam tão importantes na perspectiva de muitos alunos, mas que estando postos na cidade, são impregnados de sujeitos, de personagens que (re)fazem aquele cenário rotineiramente e que possuem estórias que situam-se em espaços e paisagens que são transportadas na memória, mesmo que a distância geográfica quantitativa em quilômetros se faça pertinente. Por isso, a

rodoviária é palco para essa busca e conhecimento de experienciar novos lugares e personagens que a sala de aula torna invisível por não estarem abarcados pelo ensino de Geografia que se faz dentro da escola.

A justificativa da escolha por este tema advém primeiro de uma necessidade da minha própria pessoa, em querer descobrir neste lugar pelo qual tanto transitei nestes cinco anos da graduação, as geografias de tantos outros atores - que por vezes não se dão conta que são produtores e transformadores daquele lugar - e que trazem em seu corpo polifônico inúmeras polifonias presentes em outros espaços, outros lugares e que, de uma forma ou de outra, constroem sob diferentes escalas e recortes, o mapa de cada um e poderão ser também constituintes das minhas geografias. Portanto, não há como fugir de um sentimentalismo, de uma real Geografia da existência já que o objetivo deste trabalho - apresentando a rodoviária como lugar - também perpassa pelas minhas memórias, pelos meus mapas, meus recortes espaciais, minhas percepções sobre este lugar e que para tantos está sujeito a não-lugar. Para isto, a construção deste trabalho se dá na procura de referenciais teóricos que busquem compreender na Geografia, leituras que construam e discorram sobre o lugar que é meu, ao qual ocorre um jogo de co-pertencimento contínuo e que contribui para a minha identidade como sujeito na cidade e assim existencio-me nela. Tais leituras constroem o meu olhar sobre o lugar para a Geografia e entrelaçam-se com as leituras com a temática do ensino de Geografia, que apresentam educandos que cotidianamente estão formando-se como sujeitos da cidade, necessitando também conhecer essa cidade que os cerca.

Mas como anexar este lugar com o ensino de Geografia? Não, não é à toa que este capítulo tem tal título, não é mero erro de digitação ou formatação: os pontos de interrogação expressam da maneira mais próxima graficamente do sentimento pessoal ao entrar em uma sala de aula. Assim como a rodoviária, onde somente a repetição das estruturas são iguais a cada novo dia, a sala de aula também é um cenário que se (re)faz diariamente. E mesmo que nessa os atores se repitam, nem sempre trarão consigo a mesma construção de mapa atravessado de objetividades e especialmente de subjetividades que expuseram na aula anterior. E é nessa construção de mapa que nós educadores, devemos prestar atenção: nele estão todas as entrelinhas, os anseios, as angústias e as geografias de cada aluno,

mesmo que essas estejam escondidas debaixo de uma camada de poeira ou enroladas, dificultando por vezes, a visualização completa deste mapa.

Por isso, seria pretensão nossa achar que toda a Geografia será ensinada por nós dentro de uma sala de aula, em um ambiente específico, restrito. Ora, se cada um traz consigo seu mapa, repleto de geografias, como posso não levar isso em conta? Como posso tornar a Geografia tão abrangente que meu aluno já traz de fora em algo restrito, dentro de muros limitados? Talvez se possa dizer que não é formal, que foge dos padrões dos conteúdos para cada ciclo que estão presentes nos mais variados Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) e que permeiam a escola como um todo. Mas se for para tornar a Geografia chata, paro por aqui! É justamente a possibilidade de inúmeras variedades e variações, de desfocos e de multiplicidade que a Geografia proporciona que me levaram a optar por tal graduação. Por que ser uma só coisa se posso ser várias ao mesmo tempo? Quem disse que interrogar-se demais, sobre os mais diferenciados assuntos e depois tentar agrupá-los em um único é ruim? Por que não levar isso aos alunos? Então o que faz com que seja mais importante que eles saibam que a vegetação predominante do Canadá é a Taiga e não mostrem o seu mapa e a composição desse? E mais que isso, que mudem as escalas, as formas, as texturas e as cores e que unam diferentes mapas em um só? O livro didático diz isso? Então, deixarei que cinco anos de graduação se resumam ao livro? Vou deixar que meus alunos desconheçam a Geografia a qual me compôs como pessoa que sou hoje para aprender uma distante, longínqua?

A estação rodoviária surge então, neste trabalho, como depositário destas angústias de uma professora de Geografia que tenta fazer com que tal matéria seja compreendida (*do latim comprehendere*: constar de; abranger, estender a sua ação a, dar o devido apreço) de fora para dentro - do lugar para a escola, abrangendo este para dentro do ensino. Que se estenda para outros meios, novos espaços, que não fique restrito somente a sala de aula: assim, dando o devido apreço, podemos incluir a rodoviária como lugar de tantas geografias que podem ser sentidas e apreendidas pelos alunos fora do ambiente escolar; que poderão (re)construir o seu mapa observando e sentindo o mapa de tantas outras pessoas que perpassam e entrelaçam diferentes caminhos, carregando desiguais escalas de tantos lugares em seus corpos polifônicos, as quais não se aprende sentado em uma classe. Que eles possam descobrir que eles mesmos são portadores de geografias mesmo “sem-

querer” e que esta é a essência e base do que deverá ser trabalhado pelo professor na escola.

COMEÇANDO A TER FOCO: A CIDADE E A IDENTIDADE

De qualquer maneira não há como não considerar a cidade como lugar da co-presença, lugar da coexistência, escancaradamente manifesta pelo espaço geográfico, pelas geografias desiguais da existência expostas na cidade [...] A cidade é o lugar do encontro da diferença, da liberdade, da igualdade. A cidade é o lugar, a geografia da existência. (SOUZA, 1999, p.4)

Aborda-se aqui, a partir das palavras de Souza, uma cidade que passa a ideia de existência, como representação de estar no mundo (LEITE; ROCCA, 2010). Esse estar no mundo, nos remete a pertencer a ele, a fazer parte dele, e é desse modo que nos é possibilitado o encontro e a coexistência. Tomar a cidade como lugar da identidade é fazê-la como lugar de apropriação - através de lembranças, sentimentos, imagens, sons, cores, gestos, vozes - e que na sua união formam símbolos identitários, composição de quem somos e dos mapas que construímos ao longo dessa existência - individual e conjunta.

A Geografia compete então, não somente analisar o que esta cidade de concreto, por vezes imóvel apresenta para nós, mas também o que nós podemos apresentar a ela: a apropriação de objetos que constituem a nossa identidade e que estão momentaneamente ou processualmente fixados nesta cidade ganha relevância ao perceber que esta é viva, abarcada por sujeitos que a reconstituem segundo suas próprias percepções diariamente, trazendo as geografias de cada um. Estas geografias então se tornam formadoras de quem somos, mesmo que a sala de aula insista em não dar vez a ela; em um egocentrismo que reflete também na afetividade que os alunos desenvolvem com essa matéria: invoca-se que essa deva ser apreendida na sala de aula, como se este ambiente fosse detentor de todo conhecimento, excluindo e repreendendo as vivências que o próprio aluno traz para além dos muros da escola. Mesmo que simplificada, as experiências que o educando carrega consigo, não somente são constituintes dele, mas também são geografias, são marcas que transcendem o próprio corpo e invadem outros corpos, outros objetos, constituindo novos mapas. Então, como deixar a Geografia de fora deste processo, só pelo motivo de que este não se dá de uma maneira formal, na sala de aula, pelo professor?

Fazer a apropriação da cidade que aqui queremos consiste em um novo olhar sobre ela: é deixar estigmas e percepções velhas para que as influências de outras

peças que também realizam a apropriação desta envolvam e alcancem nossos mapas. E isto nem sempre é fácil! Olhar a cidade, tantas vezes caótica, através de aspectos positivos subjetivos requer disposição e observação. Disposição para descobrir novas geografias em lugares aos quais nunca dispomos merecida atenção; e observação naqueles que já de imediato nos trazem a afetividade, mas também naqueles que o tempo poderá ser maior para obtermos percepções sobre ele. E nem sempre obteremos percepções positivas! Desde já, a cidade mostra-se como constituinte da paisagem e também da identidade que são únicas a cada indivíduo: mesmo que as percepções afetivas sobre determinado ponto de referência sejam elaboradas como um retrato, reflexo instantâneo que para ao tempo, abarcando mais pessoas, a forma e a constituição desta lembrança só dependerão do indivíduo único e só. Ainda referente à apropriação temos:

A criação e o surgimento de um universo de significados que constituem a cultura e o entorno do sujeito e que transformam, ao longo do tempo, um espaço *vazio* em lugar significativo é o que se pode chamar de *apropriação*. Pela apropriação, o sujeito sente que de alguma forma está ligado ao lugar, e que este lhe *pertence*, mesmo que dele não tenha a posse legal. A relação vem a ser recíproca, pois ele também *pertence* ao lugar. (CAVALCANTE; MOURÃO, 2006, pg.4).

A apropriação a qual se faz referência neste trabalho então é parte constituinte dos sujeitos que habitam a cidade. Logo, mesmo sem ter a posse, sem ser dono de determinado ponto eu consigo apropriá-lo conforme as minhas percepções. Nota-se aqui que não é qualquer referencial da cidade que torna-se lugar, pois é com este que tenho que estabelecer uma relação de reciprocidade, (re)significando, (re)construindo novos signos para ele e me fazendo pertencer a este, em um processo contínuo de apropriação múltipla de diferentes afetividades que tenho com e na cidade.

A cidade, portanto, é composta por diferentes subjetivações experimentadas perante aos objetos e as relações que ali se encontram, provocando a ideia de se ter vários lugares com suas particularidades, ou uma descontinuidade espacial (ORTIZ, 1999), devido às diferenças aos quais se limitam. Através desses encontros e da relação de coexistência com o diferente e o igual é que nos é possibilitada a criação de uma identidade: assim levamos conosco enunciados de outros corpos, de diferenciados lugares, de diversas falas e de novos e repetidos olhares, no que Certeau (2008, p.171) exprime como “cada corpo é um elemento assinado por

muitos outros”. Mas este corpo não é somente matéria, é afetividade, é emoção e sentimentalismos que se encontram ou defrontam com outros corpos inundados de outras polifonias.

Nesse complexo tecer de corpos e identidades, a cidade torna-se campo fundamental para a sustentação das múltiplas relações objetivas e subjetivas e, por conseguinte, de novos jeitos e maneiras de coexistir em e com, assim como nos afirma Costa (2005, p.81): “a cidade torna-se suporte para a produção e a manutenção do campo relacional que constrói o conjunto de atributos vinculados à identidade”. Tem-se assim uma cidade constituída não somente de seus aparatos físicos - objetos técnicos - (SANTOS, 1996), mas também de subjetivações e sensações que temos perante eles - as ações - (SANTOS, 1996) e das infinitas cadeias relacionais que podemos formar, estabelecendo traços de percepção, feição, lembrança e identidade.

Logo, a cidade deixa de ser concreto e asfalto e assume uma forma mais afetiva, propícia para a (trans)formação de sentimentos que se relacionam não somente com as pessoas que são sujeitos transformadores desta cidade, mas também dos objetos que ali permeiam, com suas formas, suas datas e os sentimentos que a mim passam. A cidade torna-se maleável, ilimitada dentro dos nossos sentidos e adquire uma nova faceta: a de formadora de identidades. Cabe aqui ressaltar novamente que esta, por ser assim múltipla, não deverá compor as mesmas percepções para inúmeras pessoas. E talvez seja realmente este o encanto da cidade! É descobrir, em meio a ela, lugares afetivos que para cada um se tornam identitários - seja de lembranças próximas ou de memórias longínquas, seja só ou acompanhado de uma multidão. É fazer este intermédio entre a concretude dos inúmeros prédios e avenidas e a percepção afetiva que podemos ter sobre esta. É (re)descobrir a cidade somando a construção do meu mapa com os mapas dos outros sujeitos, agregando, modificando, multiplicando corpos e objetos polifônicos e ter como resultado - nunca em definitivo e sempre processual - um mapa único, um mapa meu, onde as representações que ali se farão presentes, mesmo que momentaneamente, são causa e efeito das minhas representações parciais dos componentes que ali eu quiser acrescentar ou excluir.

Assim, podemos compreender e apreender através de múltiplas percepções os lugares ali presentes na cidade. TUAN (1983) nos exprime o conceito de lugar

como aquele identificado pela experiência sensível e pela estética, ou seja, pela sensação que nos provocou através dos seus diferenciados elementos, visíveis ou não, e pela posterior representação destes que fazemos em nossa mente. Trata-se então de uma apropriação sensível e de uma construção mental daqueles elementos que estão ou estiveram presentes e das relações que permeiam os meus sentimentos perante esses - a identidade - a ponto de não somente me apropriar por instantes, ou passageiramente, mas fazer ou querer com que eles sejam parte do meu cotidiano, dando-se através disso também a ideia de existência, de “estar no mundo” (LEITE; ROCCA, 2010).

O LUGAR E O NÃO LUGAR... A AFETIVIDADE É GEOGRAFIA SIM!

Na busca por um conceito ideal de lugar na Geografia, deparamo-nos com diferentes ideias que esse trouxe ao longo das fases da área, bem como de autores que diversificaram e difundiram a sua utilização. Esses díspares formatos que aparecem ao longo dos anos, possuem seu uso amplamente decorrente também em distintas áreas, como a Antropologia, a Arquitetura, a Sociologia e a Psicologia; permanecendo até hoje, uma problemática acerca do seu uso cabível. Na busca pela adequação do conceito a este trabalho, Bergamim faz um breve resumo:

Para a geografia tradicional, a palavra Lugar não constituía um conceito científico, pois era utilizada frequentemente do mesmo modo que no senso comum, ou seja, como sinônimo de localização. Quando utilizada no plural era para fazer referência à variabilidade das combinações de elementos na superfície da Terra e, por conseguinte, ao conjunto de características naturais e humanas que particularizam uma determinada porção da superfície terrestre. Isso ficava visível quando Paul Vidal de La Blache afirmava que “a geografia é a ciência dos lugares, não dos homens” e quando autores como Richard Hartshorne diziam que “os lugares são únicos” (BERGAMIM, 2013, pg.167).

Encontramos na Geografia tradicional um conceito de lugar voltado para as questões físicas, como o sítio de um ponto, e que aborda como maior característica a descrição desta paisagem quase que imóvel, não citando o homem como sujeito atuante deste lugar e as ações que este provoca, como bem afirma La Blache ao dar maior relevância aos aspectos físicos desta superfície para a Geografia do que necessariamente os sujeitos que a compõe e a modificam processualmente. Fato que também não é encontrado quando revisamos o conceito de lugar para a Geografia quantitativa:

Já para a geografia quantitativa, interessada em estudar a organização espacial, a utilização da palavra Lugar se dava com o sentido de localização, já que os conceitos de organização espacial, região homogênea, região funcional, polo de crescimento, entre outros do gênero, eram mais apropriados para enfoques de tipo morfológico, isto é, interessados em explicar os padrões de distribuição e de relações espaciais estabelecidos pelos agentes econômicos (BERGAMIM, 2013, pg.168).

Aqui o lugar adquire ainda o seu aspecto somente físico, ficando restrito o seu uso para delimitação de uma determinada área em contraposição aos conceitos que abrangiam áreas não exatamente específicas, que correspondiam a porções da

superfície agrupadas por um determinado padrão quantitativo a ser estudado. Assim, o lugar nesta abordagem, especifica o ponto que é mais restrito, mais limitado frente aqueles que abrangem uma área não delimitada. Mas essa conceituação acaba perdendo espaço com a Geografia humanista:

A geografia humanista foi a primeira vertente da geografia a fazer uso da palavra Lugar como um conceito científico. De fato esse foi um dos conceitos fundamentais para os propósitos dessa corrente, interessada em pesquisar as relações subjetivas do homem com o espaço e o ambiente. Os geógrafos humanistas destacam a importância de estudar o cotidiano como forma de compreender os valores e atitudes que as pessoas comuns elaboram a respeito do espaço e do ambiente em que vivem. O conceito de Lugar é apropriado para esse tipo de pesquisa por dizer respeito aos espaços vivenciados pelas pessoas em suas atividades cotidianas de trabalho, lazer, estudo, convivência familiar, etc. Por esse motivo, a geografia humanista define o Lugar como uma forma de experiência humana, um tipo especial de vivência do espaço. (BERGAMIM, 2013, pg.168)

Nota-se a presença de dois novos termos que antes não tinham evidência: subjetividade e cotidiano. O conceito de lugar deixa de ser somente localização geométrica ou descrição da porção física da superfície e torna-se mais próximo do homem à medida que dá a ele sua importância como agente experimentador daquele espaço. O sujeito e o que ele traz consigo, a partir da construção de subjetividades adquiridas através do seu cotidiano ganham notoriedade na Geografia a partir desta construção do conceito. É ela, a única, que o traz a partir das percepções do homem, tornando o Lugar assim mais próximo, mais palpável e com maior movimento, entendendo ele como um processo, onde os objetos e sujeitos que ali se encontram ganham significados diferentes a partir das vivências que cada um experimenta cotidianamente. Com a Geografia crítica, porém o Lugar conceitua-se de forma distinta em relação à Geografia humanista:

Já a geografia crítica não dá a mesma importância teórica ao conceito de Lugar, pois trabalha principalmente com os conceitos de espaço geográfico e de território. Todavia alguns geógrafos críticos, como Milton Santos, passaram a conferir maior importância teórica ao conceito de Lugar ao longo do tempo. No livro "A natureza do espaço (1996)" por exemplo, esse autor fala sobre a força do Lugar e o qualifica como um espaço produzido por duas lógicas: a das vivências cotidianas das pessoas e a dos processos econômicos, políticos e sociais que constituem a globalização. Nesse sentido, a abordagem crítica do lugar procura se diferenciar da abordagem humanista na medida em que leva em conta as influências dos processos relacionados à globalização no estudo das vivências que os indivíduos desenvolvem nos lugares. E essa influência é caracterizada por Milton Santos e outros geógrafos críticos, em geral, como impositiva, perversa e estranha aos interesses do lugar. (BERGAMIM, 2013, pg.168)

A subjetividade sai de cena, embora o cotidiano fique. Porém, nesta abordagem da Geografia crítica o cotidiano toma proporções diferenciadas daquela Geografia humanista: aqui deixa de ser o particular de cada sujeito abarcado pelas subjetividades que proporciona e apresenta-se como mais intricado, mais pesado, relacionado com as tramas complexas da globalização, dos sistemas econômicos e de trabalho do mundo pós-moderno. O lugar é então refúgio, espaço de resistência frente às influências impostas pelo sistema; onde se deve manter as práticas cotidianas que ali permeiam, numa tentativa de tornar o processo de globalização menos perverso, (des)ajustando-o em conformidade com os lugares que atinge.

Apresentadas as formas conceituais distintas que o lugar adquiriu ao longo da Geografia, ampliando-se o uso para outras áreas, bem como também no caminho inverso, adquirindo o que essas conceituavam, não cabe a este trabalho adentrar no arcabouço conceitual de tal termo. Serviu-se, então, para que não cause no leitor - e também na própria autora - uma confusão acerca do uso do conceito, visto que, sua abrangência é múltipla. A apresentação destas formas de utilização serve para dar rumo ao trabalho, adentrar especificamente em somente um formato conceitual de lugar, porém tendo ciência que este, em diversas épocas e sob diversos autores, contraiu significados e significâncias outras.

Entretanto, para não ser em vão, será utilizado neste trabalho o conceito de lugar na abordagem da Geografia humanista acima citado, embora autores e geografias se entrelacem e se confrontem - não somente pela busca da própria autora em querer este entrelaçamento, mas sim pelo fato de que ele é usual -, não ficando este trabalho limitado a somente autores desta corrente, visto que, pela dificuldade de delimitar de forma única o conceito, os próprios autores transitam através dele para diferentes abordagens.

Também esta preocupação na conceituação de lugar nas diferentes correntes da Geografia se dá pelo uso habitual dele em múltiplos autores e várias teorias, sendo este motivo contraditório ao que já foi sobrescrito. Assim, poderíamos cair na armadilha de, por exemplo, citar Richard Hartshorne que escreveu que “os lugares são únicos”, uma frase que seria inteiramente cabível neste trabalho; referindo-me ao conceito de lugar que o autor aborda na forma que mais se adequa a este trabalho, sem preocupar-se com o que o conceito traz consigo. Então, é preciso que ocorra o contrário, que o trabalho se adapte ao conceito: não poderemos aqui

apenas pegar a definição do significado, pois como no exemplo, este seria aceito aqui, mas, sobretudo averiguar o seu contexto quando da sua origem. Assim, não poderemos usar a definição de Hartshorne - um geógrafo clássico - que conceituava o lugar como único por esse ser diferenciado nos seus aspectos humanos e principalmente, nos seus aspectos físicos, quando queremos aqui trazer uma abordagem mais afetiva deste conceito.

O geógrafo Yi-Fu Tuan, ao se perguntar “Que é um lugar? O que dá identidade e aura a um lugar?” (TUAN, 1983) traz então, quando da visita ao castelo de Kronberg na Dinamarca, uma fala que o físico Niels Bohr traça com o também físico Werner Heisenberg:

Não é interessante como este castelo muda tão logo a gente imagina que Hamlet viveu aqui? Como cientistas, acreditamos que um castelo consiste só em pedras e admiramos a forma como o arquiteto as ordenou. As pedras, o teto verde com a pátina, os entalhes de madeira na igreja constituem o castelo todo. Nada disto deveria mudar pelo fato de que Hamlet morou aqui e, no entanto, muda completamente. De repente os muros e os baluartes falam uma linguagem bem diferente. O próprio pátio se transforma em um mundo, um canto escuro nos lembra a escuridão da alma humana, e escutamos Hamlet: “Ser ou não ser”. No entanto tudo o que realmente sabemos sobre Hamlet é que seu nome aparece em uma crônica do século XIII. Ninguém poderá provar que ele realmente existiu, e menos ainda que aqui viveu. Mas todo mundo conhece as questões que Shakespeare o fez perguntar, a profundidade humana que foi seu destino trazer à luz; assim teve também que encontrar para si um lugar na Terra, aqui em Kronberg. Uma vez que sabemos disto, Kronberg se torna, para nós, um castelo bem diferente. (HEINSENBERG, 1972, pg. 51 apud TUAN, 1983, pg. 4)

Neste trecho, evidencia-se o uso do conceito lugar não somente como sítio ou ainda como resistência aos processos de globalização vertical ou até mesmo a supermodernidade - duas formas correntes atuais de seu uso - mas propaga a ideia de um lugar mais próximo, mais palpável, que não se encontra imóvel ao tempo e ao que nós mesmos experienciamos aos nos deparar com este. Assim como nos relata Bohr, porque ao adentrar em Kronberg se tem uma experiência diversificada? Por que não somos inertes a isso, porque não vemos somente concreto? E mais que isso, por que em algumas coisas vemos somente o concreto e em outras não? O que as diferem?

Amplia-se o campo dos sentidos, amplia-se a mentalidade, que assim como afirma o autor, por vezes se sobressai e extrapola os limites sensoriais e assim temos identificação para com aquele lugar. Ainda conforme Tuan, percebemos a

importância da experiência para conceituar o lugar “experienciar é aprender, significa atuar sobre o dado e criar a partir dele” (TUAN, 1983); e os resultados dessas experimentações não se dão de forma neutra: ela é abarcada por emoções, por sentimentos que acabam por deixar marcas e significados em cada um. A experiência no lugar, não pode ser somente um simples olhar, um cheiro, um toque - sim, estes são necessários - porém devem estar conjuntamente relacionados aos sentimentos que aquele dado, aquele objeto desperta em mim; é deixar a vastidão dos sentidos e da mente ocuparem este elemento. Assim, a experiência além de não ser neutra também desperta sentimentos intencionais a partir desta, como nos relata Ricoeur:

O sentimento é (...) sem dúvida intencional: é um sentimento por ‘alguma coisa’ - o amável, o odioso. Mas é uma estranha intencionalidade: por um lado indica qualidades sentidas quanto às coisas, quanto às pessoas, quanto ao mundo, e por outro manifesta e revela a maneira pela qual o eu é afetado intimamente. (RICOEUR, 1967, pg.127 apud Tuan 1983, pg.10)

Tuan afirma que essa intencionalidade com que nos deparamos frente a uma experiência é única e é o que também nos difere de outros animais, já que nós humanos “temos o privilégio de acesso a estados de espírito, pensamentos e sentimentos” (TUAN, 1983) e com isso, somos capazes de não ficarmos ilesos, inertes ou passivos frente a um objeto, dando-lhe a ele significados.

Mas ao atribuir significados a esses objetos, não podemos deixar de considerar que este é concreto e ocupa um lugar - aqui como referência a sítio - no espaço. Logo, o seu posicionamento espacial também se torna afetivo, carregado de sentimentos. Então porque não tratar como espaço? Por que o lugar?

O espaço toma a dimensão do longínquo, do vasto, do distante. Abarca assim tantos os objetos com quem eu possuo uma afetividade, uma identificação; tanto com aqueles que a mim passam despercebidos. Há a possibilidade de interação entre esses dois - e por isso é espaço: conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações (SANTOS, 2006) -, mas também há significações diferentes entre os dois. Por isso, cria-se uma categoria para enquadrar - ainda que não haja aqui classificação, ordem, limitação - aquilo que é mais próximo, mais significativo, que tenha mais sentido e que esse sentido seja uma identificação: cria-se o lugar; assim nos afirma Tuan “quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar”.

Há na literatura vastas discussões sobre o conceito de lugar, bem como do conceito de espaço vinculando-o também ao afetivo. Em um dos dicionários da Língua Portuguesa de maior renome, encontramos a definição de lugar como “espaço ocupado” (MICHAELIS, 2009); e se este é espaço, mas diferencia-se por estar ocupado, pode sim estar tomado de memórias, de sentimentos e de afetos! Ocupar também significa pertencer a ele, em um jogo em que nem tudo que está no espaço a ele eu pertence, mas o lugar me pertence e eu pertence a ele. Esse pertencer, portanto, é seletivo: só se faz presente naquilo a quem eu deixar-me experimentar, construir significados (“sentido de um símbolo, valor, importância”, MICHAELIS, 2009), lembranças e emoções; e esta é a principal diferença entre espaço e lugar que este trabalho carrega. A escolha do uso deste termo faz referência àquilo que também é citado por Tuan e que para a maioria dos humanos é o seu primeiro lugar: o lar. Logo, não temos como deixar a afetividade de fora desses lugares que nos remetem diversas geografias: se o nosso lar é nosso lugar, cabe-nos então experimentar através da vastidão da mente e dos sentidos outros espaços que formarão a partir da (re)construção de significados algo semelhante com aquilo que nos desperta sentimentos e forma nossa memória afetiva em relação ao nosso lar.

Há ainda - em uma corrente tradicional, clássica - a visão de que este conceito de lugar não é Geografia, que esta não pode estar tomada destes sentimentalismos, de emoções, de afetividade; que ela deve se preocupar com a escala global, com os problemas socioeconômicos, com a morfologia e com os efeitos climáticos, numa transparência ou não reconhecimento do homem, das pessoas que ali compõem este espaço; como analisa mais uma vez o autor:

Um geógrafo fala como se seu conhecimento sobre espaço e lugar fosse obtido exclusivamente de livros, mapas, fotografias aéreas e levantamentos de campo. Ele escreve como se as pessoas tivessem apenas mente e visão e nenhum outro sentido com o qual apreender o mundo e nele achar significado. O geógrafo tende a aceitar como familiar o fato de que estamos orientados no espaço e nos sentimos à vontade em um lugar - em vez de descrever e tentar compreender o que realmente significa “estar no mundo”. (TUAN, 1983, pg.222).

Este estar no mundo faz relação indissociável com o sentimento de pertencimento. Não há como apreender o mundo sem fazer com que ele se torne afetivo, emocional e por isso se faz necessária à subjetividade na Geografia, onde

ela adquire valor por exatamente dar importância ao sujeito que compõe esse espaço e (re)significa lugares, tomando-os para si e deixando-se tomar por eles. Assim, a Geografia toma dimensão outra que não aquela clássica, tradicional, em que o sujeito cede lugar ao meio, sem aquele ser analisado como transformador desse, sendo longínquo:

O conceito de lugar induz a análise geográfica a uma outra dimensão - a da existência "pois refere-se a um tratamento geográfico do mundo vivido" (SANTOS, 1997). Este tratamento vem assumindo diferentes dimensões, o lugar se singulariza a partir de visões subjetivas vinculadas a percepções emotivas. (SUERTEGARAY, 2000)

Por contrariedade, nem tudo que experienciamos se dá de forma positiva. Um cheiro, uma lembrança, um sentimento, uma voz ou uma imagem negativa fazem que o espaço se torne um não-lugar, contrário ao significado e o sentido de lugar e também necessário ser estudado na Geografia. O lugar é aconchego, é afeto, é identitário através de emoções e sentimentos que não encontramos em todo o espaço, porém "os acontecimentos simples podem com o tempo se transformar em um sentimento profundo pelo lugar" (TUAN, 1983)

Logo, já que identificamos o lugar, o que seria um não lugar? Marc Augé, um dos principais autores sobre esta temática, traz de forma sucinta em seu livro a definição para o último:

Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não lugar. (AUGÉ, 1994, pg.73).

Ainda que breve, Augé traz nesta definição o conceito de não-lugar que se adota ao falar de algo contrário, oposto ao lugar afetivo antes proposto. Este se refere a sentimentos que temos com uma significação negativa frente à proposta de experienciar lugares, algo que não se torna valioso sentimentalmente, que não valha ser guardado como memória afetiva. Porém, esta negativa nem sempre se fará inicialmente, já que os mesmos sentimentos que fazem de uma experiência um lugar, também podem torná-lo um não-lugar, dependendo assim do indivíduo:

Para Santo Agostinho, a sua cidade natal, Tagasta, transformou-se com a morte de seu amigo de infância. O grande teólogo escreveu: "Meu coração estava agora dilacerado pela dor e para todos os lados que eu olhasse só via a morte. Meus lugares familiares tornaram-se cenários de tortura para mim, e meu próprio lar tornou-se um sofrimento. Sem ele, tudo que fizemos

juntos tornou-se uma experiência insuportavelmente dolorosa. Meus olhos continuam procurando-o sem achá-lo. Odeio todos os lugares onde costumávamos nos encontrar porque eles não podem mais me dizer 'Olhe, aí vem vindo ele', como fazia antes. (AUGUSTINE apud TUAN, 1983, pg.155)

Sendo assim, o não-lugar é o que não nos é mais familiar, não nos traz o aconchego que o lugar nos proporciona, não faz com que tenhamos o sentimento de pertencimento. O não-lugar, por vezes despercebido, quando perceptível aos humanos, torna-se conjugado a sentimentalismos e emoções negativas, proporcionando-nos um jogo de 'desfazer pertencer' onde nem sempre torna-se facilitada esta ação, principalmente se anteriormente a este, ele era considerado afetivamente como lugar. Se assim para Agostinho os pontos de referência carregados de afetos - antes lugares - na cidade de Tagasta, que após a morte de seu amigo foram destruídos por sentimentos negativos; este torna-se um exemplo claro de que aquilo que antes o pertencia e o fazia pertencer, dando significado ao seu estar no mundo, agora torna-se frio, sem a acolhida do lugar, tornando-se assim um não lugar.

MAS POR QUE A RODOVIÁRIA?

Em meio a tantos lugares de referência, por qual motivo se dá a escolha da rodoviária? Por que este lugar e não outro? Este não seria um não-lugar? Inicia-se aqui uma fase “umbigocentrismo” da autora, acreditando que seus lugares também possam servir de referência para outras pessoas! E se esta meta mostra-se muito ousada, que ao menos, ao passar por tal lugar, tenham a oportunidade de experienciá-lo, adquirindo novas percepções sobre este: uma certa afetividade que possa transformar-se mais tarde, pretensiosamente, em um lugar.

O não-lugar é diametralmente oposto ao lar, à residência, ao espaço personalizado. É representado pelos espaços públicos de rápida circulação, como aeroportos, rodoviárias, estações de metrô, e pelos meios de transporte - mas também pelas grandes cadeias de hotéis e supermercados. (AUGÉ, 1994, pg.88)

Como falar de um lugar sendo ele não-lugar? Augé propõe que imersos na supermodernidade, em nosso cotidiano, os não-lugares estão muitas vezes se sobressaindo em relação aos lugares, em relação a tempo de permanência e experimentação, já que passamos mais tempo do nosso dia naqueles do que nesses. Com os não-lugares, não conseguimos estabelecer relação de afetividade e consequente identidade, tornamo-nos mais uma pessoa entre milhares que seguem o fluxo daquele espaço, mais por obrigatoriedade do que por conveniência. Os símbolos que poderiam estabelecer relações entre homem e lugar são significâncias vazias, pouco personalizadas e amplas: um chip, um ticket, um cartão... Números e tecnologias que servem tanto para meu próprio uso, como para o uso dos que antes por aqui já passaram, e servirão para aqueles que ainda estão por vir.

Assim, cita-se como um desses não-lugares construídos pela supermodernidade a rodoviária. Espaço de intenso fluxo - de pessoas, de máquinas, de tecnologia - que, dependendo da cidade, adquire infraestrutura maior, com restaurantes, lancherias, livrarias, farmácias e *lan-houses* - artifícios utilizados para que os usuários passem o tempo que ali se encontram, mas também servem como meio para que aquele espaço se torne mais familiar, próximo e útil. Em outras tantas cidades menores, a rodoviária se encontra em ponto único: um banco, uma parada

na beira da estrada ou até mesmo uma placa. As rodoviárias então são múltiplas em suas formas, bem como os usuários que por ela passam.

Mas esse espaço, não pode ser lugar e nem não-lugar, se não tiver a presença do homem ali; é a partir das experimentações que este tem desses que surgem então os conceitos. Então seria amplo dizer que a rodoviária é um não-lugar para todos, de uma forma grupal - mesmo sabendo-se que somos constituídos também por uma memória e uma identidade coletiva - mas salientando a importância primeira de uma relação particular do sujeito com aquele lugar. O nosso primeiro lugar na infância, o colo da mãe, se faz de forma individual e assim seguimos à medida que nos tornamos adultos. Por isso, a valor da experimentação do indivíduo com o espaço, para que ele mesmo crie os significados que as marcas que aquele lugar deixou nele e assim construa uma identidade.

Os significados amplos e nem sempre afetivos que o coletivo forma sobre determinados espaços também serve para que as demais pessoas ou se aproximem, realizando elas próprias as suas individuais experimentações; ou se afastem, numa atitude de repulsa para com aquele lugar. Ao lermos a citação de Augé no início do capítulo, identificamos como esses espaços de grande circulação e pouca identificação com o sujeito se tornam não-lugares, fazendo assim, a partir a descrição do autor, que outras pessoas passem por esses lugares já com essa carga, já com esse sentimento de não-pertencimento, de não-personalização.

Este trabalho, no sentido inverso do que nos propõe Augé, tem a tentativa de, a partir de experimentações da autora, fazer com que mais pessoas deem a oportunidade de experienciar um espaço, que de forma ou outra, se faz presente nas cidades e que assim abarca também outros indivíduos que dela necessitam. Mas não há como falar de experimentações, seguindo um certo rigor técnico-científico que as normas e metodologias impõe para trabalhos acadêmicos; e por isso cito Nogueira, que ao voltar seu estudo para a Geografia cultural e perceber as restrições que o método tradicional lhe impunha frente suas análises acerca do lugar afetivo, justifica:

Em relação à ciência, da reação do cientificismo acadêmico e a pretensão totalitária da verdade científica, como única forma de explicar as coisas e os fenômenos: não se trata aqui de querermos rejeitar a ciência, mas de fazer

uma reflexão sobre o mundo da vida, objeto de análise de toda ciência.
(NOGUEIRA, 1984).

Trata-se aqui do ponto em que o pessoal também é levado como análise reflexiva para dentro da academia: sem os rigores técnicos, sem o cientificismo - é o estudo sobre o mundo da vida - e aqui, primeiramente, da minha vida. Inúmeras tentativas de trabalhos existentes afirmam que o pesquisador não deve se envolver com o seu objeto de pesquisa, afim de que não contribua - com o seu olhar de observador - no resultado que virá como consequência, estando o observador na condição de estrangeiro alienado, inerte ao lugar, sem emitir opinião alguma. Tem-se neste trabalho, o contrário: não há como estudar o lugar sem se fazer presente nele, sem experienciá-lo, sem significá-lo, mesmo que de forma negativa, tornando-o não-lugar. Só é lugar exatamente pelo motivo de que ali tem um indivíduo, ao menos, para qualificá-lo; numa conjunção entre homem e lugar onde há uma relação de pertencimento mútuo, de reciprocidade, de sentimentalismos.

A análise primeira da rodoviária aqui é de que ela é um lugar e aqui começa o meu relato pessoal, as minhas memórias afetivas que hoje constroem a minha identidade. E não há como falar de um lugar sem realizar a experiência, sem dar-lhe significados, mesmo que, por inúmeras vezes, esta para mim foi também não-lugar, em um jogo contínuo de (re)significação, ora de marcas positivas que esta me causava, ora de marcas negativas que comigo levava.

Não, não tenho na rodoviária o meu primeiro lugar, aquele mais importante... O motivo de sua escolha se dá pelo fato de que inúmeras vezes passei por ela, senti ela e não dei importância, assim como tantos outros usuários e passantes. Quantas horas vivi nela? Quantas pessoas por mim passaram? Quantas geografias eu deixei de saber? Talvez, para mim no início, ela realmente foi aquele não-lugar de Augé: uma transparência, somente lugar de passagem, de fluxo, de circulação. Precisei de algum tempo para entender que aquele lugar me pertencia e eu pertencia a ele, de uma forma, que assim como os físicos Bohr e Heisenberg ao adentrar o castelo de Hamlet, também não sabiam explicar o que aquele lugar causava.

Além de uma satisfação própria, ao pensar no ensino de Geografia a rodoviária se faz extremamente versátil: nós, como professores, pensamos para nossos alunos saídas de campo longínquas, sem que se faça um entrelaçamento desta com a realidade, com o cotidiano do educando. Por vezes as saídas são

caras, demoradas, inviáveis para que o professor as realize, não esse notando o que a própria cidade possa lhe oferecer. A rodoviária - seja qual infraestrutura couber - sempre se faz presente na cidade: sua entrada é gratuita, não é necessária autorização e sempre há algum ônibus do próprio transporte municipal que faça o caminho até ela. No meu caso, foram vários ônibus!

Não tenho como esquecer as “saias-justas” que passei com malas, mochilas e bolsas dentro dos trajetos nos ônibus para chegar até a rodoviária: foram tantas vezes nesses cinco anos de graduação que peguei o ônibus para a rodoviária, que o motorista do ônibus de transporte coletivo municipal C1 da sexta-feira sempre me perguntava como estaria o tempo em Caxias do Sul. Devido às malas, ele me deixava sentar nos bancos que ficavam antes da catraca e assim, fiquei sabendo de sua filha que tinha passado no vestibular de inverno, da sua mulher que tinha uma loja na zona norte e até mesmo de uma festa de sua tia em Pelotas. Do contrário, ele também ficou sabendo um pouquinho de mim: para onde eu ia, o motivo que eu ia, as coisas que aconteciam lá em Caxias. O meu pertencimento com a rodoviária começava já bem antes de eu chegar nela!

Descia do ônibus e ia direto comprar a passagem nos guichês de vendas da rodoviária de Porto Alegre: quanta fila, quantas pessoas, quantos destinos, quantas geografias! Quantas generosidades apareceram nas vezes que chegava atrasada, quase perdendo o horário do ônibus de Caxias do Sul, e as pessoas me deixavam passar na frente para que eu logo comprasse a passagem. Quantas reclamações pela falta de horários dos ônibus, pelo mau atendimento, pela falta de informações. Mas não era exatamente por este ponto que a rodoviária se tornou um lugar para mim: foi exatamente nas vezes em que chegava muito adiantada ou atrasada, a ponto de perder o horário do ônibus e ter que esperar o seguinte, que a rodoviária se montava como quase que em um espetáculo para mim.

Consecutivamente depois da compra da passagem, havia tempo para comer um pastel e tomar um café: sempre na mesma lancheria! Dizem que pastel de rodoviária tem um sabor diferenciado: acredito que as histórias que ali permeiam é que o tornam singulares. O mesmo pedido, o mesmo dono, os mesmos garçons e por vezes as mesmas pessoas: são mesinhas tão próximas, que a interação se torna facilitada, seja em função da televisão, do rádio, da comida, do ônibus. No dia vinte e um de novembro deste presente ano, quando falei para o garçom que

sempre me atendia, um senhor que aparentava ter seus sessenta anos e de nome Ivo (que até sabia meu nome, o que eu fazia na cidade e o motivo das viagens), que essa talvez seria a última vez que passaria por ali, já que não estaria mais morando em Porto Alegre e não precisaria mais vir a esta cidade, seu Ivo abraçou-me longamente e disse que já estava acostumado com a presença da “menina do pastel de queijo” e que quando eu passasse por Porto Alegre, era para “aparecer por aqui”. Das mesinhas desta lancheria é que começou o meu interesse geográfico pela rodoviária: como tinha tempo, ficava ali sentada, observando as pessoas que faziam este cenário. Os abraços de chegada, as lágrimas de despedidas e os sorrisos de encontros... Via-me em cada uma dessas situações e por curiosidade, queria saber destas pessoas - queria saber seus destinos, suas origens, seus roteiros (planejados ou não), suas esperanças e frustrações, suas pessoas que ali se despediam ou acolhiam-se e os motivos de estarem ali naquele lugar. Para que tantas malas? Por que tanto choro? Para onde você vai? Quantas geografias que eu poderia aprender e deixei escorrer pelas minhas próprias mãos, em um misto de vergonha e de medo de invadir o outro... Mas quantas pessoas ali andavam, que às vezes, só precisavam de alguém que se importasse com elas, que se mostrasse solícito, que tirassem elas da invisibilidade, do fluxo, da circulação, do não-lugar, de ser mais um em meio a multidão? Quantas vezes eu precisei desta pessoa e ela não apareceu? Quantas vezes eu queria que ouvissem a minha história?

Mesmo sabendo de outros personagens que cruzam e entrelaçam-se na rodoviária apenas para um lanche, para o café diário, sem mesmo adentrar ou sair de algum ônibus; ainda não era isso que me emocionava, que despertava o afeto em mim por aquele lugar. Era justamente no momento da chegada ou da partida que eu sentia o quão significativo era a rodoviária para mim, dividindo-se nesse caso, a afetividade entre as duas que hoje me compõe: a de Porto Alegre e a de Caxias do Sul.

Entrar no ônibus para vir para uma cidade estranha fez-me parecer deixar, inúmeras vezes, um mundo para trás; como se fossem sujeitos diferentes em cada uma das cidades: assim que embarcava, despedia-me não somente de meu pai, que todas às vezes acompanhou-me pacientemente neste processo, mas também das coisas que aqui ficavam: os familiares, o namorado, a casa, os amigos, o descanso, o lar e a esperança de um retorno definitivo. Por que Caxias é o aqui, o

meu lugar, a minha existência; e todos e tudo que aqui eu despedia-me, deixava com eles um pouco de mim na esperança de um regresso breve, às vezes uma semana, às vezes quinze dias. Despedia-me desse sujeito, para que o outro pudesse aflorar em mim: sonhos e esperanças que somente em Porto Alegre eu poderia realizá-los, mesmo não entendendo as inúmeras polifonias dessa múltipla capital e desvendando-as aos poucos, sabia que precisava estar ali para fazer a faculdade que eu escolhi - em uma relação pautada entre a controvérsia cotidiana do lugar e não-lugar. Foram através de horas de ônibus entre essas duas cidades que descobri a importância do lugar e de como este se constitui em mim e eu nele.

A rodoviária então marca cinco anos da minha vida. Extraindo os espaços obrigatórios pelos quais passamos, como a nossa casa e a nossa escola, mesmo esses por vezes sendo nossos não-lugares, a rodoviária tornou-se para mim um dos meus poucos lugares. Entre chegadas e partidas, sorrisos e lágrimas aquele espaço se fazia presente e carregava com ele os meus anseios de um lado e as pessoas que eu mais queria que estivessem perto de mim do outro.

Lembro-me que ficava torcendo para que a semana passasse rapidamente em Porto Alegre e logo chegasse à sexta-feira: ela chegava e a noite, eu desembarcava do ônibus coletivo municipal na rodoviária desta cidade e parecia que ali já era um pedaço da minha Caxias do Sul, era um pedaço acolhedor da capital, um ponto de afetividade em meio ao fluxo e a circulação. E logo no domingo à noite, ao despedir-me dos meus familiares, acontecia o inverso - ao chegar na rodoviária de Caxias, já sentia um pouco da Porto Alegre ali, a faculdade, os horários, o trânsito, os anseios, as tarefas, o sonho.

Na rodoviária descobri que posso ser múltipla, que carrego em mim lugares que antes eu desconhecia, que não me pertenciam. Se esta é classificada, conforme Augé como não-lugar, como explicar a memória do aceno da despedida e do abraço da chegada? Como explicar que ao adentrar ali, cada sejeito com suas características díspares, os meus anseios e minhas motivações também se faziam distintos? Por que não me lembro da duração da viagem, dos lugares pelos quais o ônibus passa no trajeto entre as duas cidades, mas lembro das rodoviárias, dos objetos e das pessoas que nelas estão dispostos?

Os homens constroem e dão significados aos lugares. Significados que para alguns parecem invisíveis, mas para outros são carregados de histórias e de emoções. O lugar é um mundo de significados organizados, adquiridos

pela experiência humana, e se mostra a partir do que eu experiencio, experienciar no sentido de viver. (NOGUEIRA, 2013, pg.84)

As rodoviárias formam assim a construção contínua do meu mapa atual, do meu presente e da minha memória afetiva, sendo exemplos das geografias que o meu corpo conduz para mim mesma e para outras pessoas. Experienciei essas de forma tal, que a afetividade que me marca faz com que eu pertença àquele lugar, adentre nele e encontre as sensações de aconchego, de acolhimento e de conforto que outros espaços pelos quais circulo constantemente não me proporcionam. Parece que nelas, os meus anseios são aflorados, lembrando-me a cada chegada ou partida, a cada pastel da lancheria ou até mesmo as esperas nas salas das companhias rodoviárias, quem eu sou, o que eu faço e quem eu desejo ser.

Mostro assim o que a rodoviária pode apresentar-se como lugar para a Geografia: a oportunidade de experienciar esta ou até mesmo de ouvir quem as experiencia, tornando-a uma constituinte da sua identidade e carregando consigo as percepções afetivas que esta proporciona. Para uns, ainda irá ser um não-lugar caracterizado pela circulação de fluxos; para outros será então o lugar que esta é para mim: carregado de histórias, emoções, sonhos, conquistas, saudades e geografias.

A RODOVIÁRIA COMO LUGAR PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

A atual corrente de interesse pelas emoções parece uma das tendências disciplinares mais fascinantes. Ela toma a forma de uma geografia do espírito, dos sentimentos, mas também dos sentidos, dedicada às modalidades sensoriais que integram a nossa experiência no mundo. Responde a uma necessidade sentida para voltar na realidade e mergulhar nela com todos os sensores [...] Convida-nos a entender mais sobre os lugares, a penetrar com sentimentos e ideias no interior de coisas, no ruído de fundo que está oculto. Consulta as áreas geográficas em busca de sua álgebra invisível, de seus caracteres particulares. Examina a multidão infinita de imagens, mensagens e impressões que se projetam sobre nós e são estratificadas em um mesmo espaço. (ANDREOTTI, 2013, pg.101)

Andreotti carrega em sua citação a resposta para o paradoxo que os professores, não somente os de Geografia, enfrentam ao longo de sua profissão: como transformar o conhecimento acadêmico, científico, duro em algo que seja palpável, entendível para os alunos da escola? Na maioria das circunstâncias, há um embate em trazer para a sala de aula conteúdos geográficos longínquos dos alunos e cobrá-los a partir desses, para que saibam um tema com pouca ou nenhuma importância para a vida daquele sujeito. A “geografia dos sentimentos”, como o autor nos revela, mostra-se como saída para que o ensino da Geografia em sala de aula seja - não somente mais proveitoso, bem como também menos monótono -. É assim, uma abordagem da experimentação de novos espaços, tornando-os lugares ou não-lugares, mas dando a oportunidade para que esses alunos vejam, sintam, toquem, se afeiçoem nas geografias que existem fora da sala de aula; nas geografias que eles mesmos trazem estampados em seus corpos.

O ato de experienciar, portanto, não deve ser apenas uma saída de campo rotineira, com diários em que o aluno anota o que observa a partir dos outros sujeitos, com pouco ou nenhum afeiçoamento do observador: ele é parte daquele lugar e as emoções e sensações que ele carrega são primordiais para essa experiência.

Mas como somos todos “corpos polifônicos” (CANEVACCI, 1997), e o sistema educacional nem sempre se faz próximo e facilitado para que consigamos realizar com nossas turmas uma saída de campo para fora do ambiente escolar, cabe ao professor de geografia, adentrar e entrelaçar as múltiplas polifonias e geografias que cada aluno seu carrega; e realizar a própria experiência do lugar, sem sair do ambiente em que se encontra, apenas com as nossas memórias afetivas. Mas não

podemos falar da rodoviária como um possível lugar de pertencimento, sem antes deixar que nossos alunos conheçam o lugar de uma forma mais teórica. Para isso, podemos começar a tratar tal temática, ainda com a ausência da rodoviária, com a seguinte música:

Meu Lugar

Arlindo Cruz

O meu lugar
É caminho de Ogum e Iansã
Lá tem samba até de manhã
Uma ginga em cada andar

O meu lugar
É cercado de luta e suor
Esperança num mundo melhor
E cerveja pra comemorar

O meu lugar
Tem seus mitos e Seres de Luz
É bem perto de Osvaldo Cruz,
Cascadura, Vaz Lobo e Irajá

O meu lugar
É sorriso é paz e prazer
O seu nome é doce dizer

Madureiraaa, lá laiá
Madureiraaa, lá laiá

Ah que lugar
A saudade me faz lembrar
Os amores que eu tive por lá
É difícil esquecer

Doce lugar
Que é eterno no meu coração
E aos poetas traz inspiração
Pra cantar e escrever

O auxílio da música como recurso para o ensino da Geografia torna-se válido, pois conjuntamente com outros materiais alternativos são linguagens diferenciadas que o professor traz para abordar o conteúdo e quebrar a distância destes em relação aos seus alunos; mas também, de forma conjunta, a utilização desta

estabelece uma proximidade entre os sujeitos que estão ali presentes, em signos que fogem da rotina do quadro de giz e do caderno, como nos apresenta Ferreira (2007), “muitas vezes, é mais eficaz perpetuar um pensamento transmitindo-o verbalmente pelo canto que pela escrita no papel”.

A escolha desta música de Arlindo Cruz remete ao conceito de lugar que este trabalho aborda - seguindo a corrente da Geografia humanista - em que trata deste conceito como portador de afetividade, trazendo nossas memórias afetivas e constituindo nossa identidade individual. Após os alunos escutarem a música e acompanhem a letra que será entregue em uma folha para cada um, os alunos responderam perguntas como:

Após a escuta e leitura da música “Meu Lugar” de Arlindo Cruz, responda as questões:

- 1) De acordo com a música, onde fica Madureira?
- 2) Na música, existem mais elementos concretos ou abstratos que se referem à Madureira?
- 3) Na sua opinião, qual o motivo de Arlindo Cruz se referir a Madureira como “meu lugar”?
- 4) O compositor encontraria as mesmas coisas que ele canta sobre Madureira em algum outro lugar?
- 5) Ele poderia ter escrito esta música sem nunca ter conhecido Madureira, por quê?
- 6) Assim como Arlindo Cruz e o bairro Madureira, você tem o “meu lugar”? Qual seria?
- 7) Por que este é o seu lugar? Outras pessoas achariam ele também um lugar ou um não-lugar?

Ao responder essas perguntas, o aluno fará a interpretação de um lugar que é de outro sujeito, experienciando-o através da escuta, da leitura e da imaginação, mas também remeterá ao seu lugar, descobrindo e mostrando aos outros as afetividades que ele carrega e que não são visíveis dentro dos muros da escola,

transformando o aluno assim, também como sujeito visível neste processo e portador de conhecimento geográfico antes mesmo desse adentrar na escola. São as geografias íntimas, emotivas, sentimentais que esta instituição pouco as utiliza, pois ainda possui, numa espécie de conservadorismo, o rótulo de “detentora do conhecimento”, tendo o professor o papel de apenas repassar o conteúdo:

Sabemos que o aluno traz consigo uma carga de experiências, conhecimentos sistematizados ou não [...] Pelo que discutíamos, cada vez mais acreditávamos que tais vivências deveriam ser aproveitadas, problematizadas e textualizadas, buscando a inserção da vida na escola, e tornando a escola efetivamente fazendo parte da vida. (CASTROGIOVANNI, 2003, pg. 106).

Se a escola precisa efetivamente estar fazendo parte da vida, nada como abrir as portas desta para experienciar a vida que está fora das salas de aula. Na segunda proposta de prática de ensino de geografia deste trabalho, começa-se a relação da rodoviária com a Geografia através de um trabalho de campo até tal lugar. Ainda em relação a isso, temos o seguinte aporte teórico:

O trabalho de campo se insere nesse processo como algo importantíssimo para evidenciar as relações da teoria com o real e também como contraponto á tentativa atual dos jovens se voltarem mais para um monitor, para o computador, o vídeo e os jogos que idealizam ou recriam a realidade. A necessidade de aproximar o ensino da realidade é tão premente na atualidade que no Japão, as escolas são obrigadas por lei, a realizar no mínimo um trabalho de campo - umas excursão, uma visita a fábricas ou a museus, etc. - por semana. (VESENTINI, 2004, pg.11)

A saída de campo torna-se elemento necessário às aulas de Geografia, para que a teoria encontre a prática e que para, além disso, os alunos também sejam estimulados a buscar o conhecimento fora da aula e fora das tecnologias que a ele são disponibilizadas, ampliando-se o horizonte e conhecendo novos lugares, diferentes sujeitos e outras perspectivas. Porém, a dificuldade de viabilização destas, tanto burocrática quanto economicamente, nem sempre as torna possíveis. A saída de campo para a rodoviária irá exigir do professor a mesma burocracia, mas um custo menor, pois poderá ser feita com um ônibus de circulação municipal, ou até, dependendo da localização, poderá ser realizada uma caminhada para rodoviária. As propostas que podem ser feitas como práticas na rodoviária, tomando aqui como exemplo a rodoviária de Porto Alegre, são:

1- Considere o que já foi previamente discutido em aula sobre o lugar e experiencie novos lugares que a rodoviária te proporciona:

- a) Escolha o seu lugar e fotografe-o. Crie uma legenda para esta foto.
- b) Justifique a sua escolha por este lugar
- c) Encontre uma pessoa que esteja no mesmo ou próxima a este lugar e pergunte o motivo dela estar ali.
- d) Para esta pessoa, pergunte qual lugar foi marcante para ela, qual o lugar que ele tem como lembrança afetiva. Peça as razões para essa escolha e desenhe-o.

Esta tarefa consiste que o aluno experiencie a rodoviária, através do seu próprio olhar e de suas próprias perspectivas. O espaço para ser lugar ou até mesmo não-lugar precisa da presença do indivíduo e mais que isso, precisa que ele sinta o que aquele lugar lhe oferece e a maneira que lhe oferece: só assim ele poderá existenciar-se como sujeito ali. A fotografia é a materialização do sentido que mais se faz perceptivo e formador da nossa memória afetiva e identidade: a visão. Retratando o que foi visto e descrevendo-o da maneira com que foi visto, esse espaço torna-se mais afetivo, pois existem motivos para que eu o fotografe em meio a tantos outros espaços. Mesmo que a presença de pessoas me chame atenção nesta experiência, é eu-indivíduo que sou formador da minha própria “geografia sentimental”. Tanto isso se toma como verdade, que a segunda etapa da prática é realizada: o que pode ser lugar para mim, torna-se não-lugar para outras pessoas, de acordo com outras percepções. O enlace entre essas duas afetividades, é a construção dos mapas que cada pessoa leva consigo: dos seus espaços, dos seus lugares, das suas histórias e das suas memórias.

2- Entreviste as seguintes pessoas:

a) Um funcionário da rodoviária:

- O que você faz?
- Por que escolheu a rodoviária como local de trabalho?

- O que mais gosta da rodoviária?
- O que menos gosta da rodoviária?
- Onde mora? Como você se locomove até o trabalho?

b) Um passageiro que está no setor de embarque:

- Qual o motivo de você estar na rodoviária?
- O que você sente quando está entrando no ônibus?
- De onde você vem? Para onde vai? Por quê?
- Qual o lugar que te marcou, que você traz na lembrança? Por quê?

c) Um passageiro que está no setor de desembarque: (dê preferência para aqueles que têm pessoas o esperando!)

- Qual o motivo de você estar na rodoviária?
- O que você sentiu ao desembarcar aqui e ver esta(s) pessoa(s) te esperando?
- De onde você vem? Para onde você vai? Por quê?

d) Uma pessoa que está lanchando (dê preferência para aquelas onde não se observam bagagens).

- Qual o motivo de você estar na rodoviária?
- Você vem com frequência para este lugar?
- Se você fosse guia-turístico da rodoviária, quais ponto indicaria para as pessoas que estão contigo? Por quê?
- Qual é o seu lugar preferido aqui na rodoviária?

Nesta segunda prática, encontramos por meio de entrevistas, diferentes lugares que são apresentados para os alunos - os entrevistadores - que instigam por não serem também os nossos lugares. Se estamos em uma saída de campo para a rodoviária e dela experiencio para que ela possa se tornar um lugar para mim, outras pessoas a sentem de outras maneiras ou nunca se possibilitaram a experienciar. Na

troca com os outros atores que fazem este cenário, descubro as geografias que trazem esses sujeitos e esses descobrem aquelas que eu carrego, possibilitando que descubramos as “geografias sentimentais” de cada um, a partir de seus itinerários - de idas ou vindas - e das pessoas e sonhos que este carrega através das viagens. Ressalta-se aqui que os alunos também deixem-se ser entrevistados pelos sujeitos que ele está entrevistando: primeiro para familiarizar-se com ele, para que assim ele possibilite que realizemos nossa atividade; e segundo porque os objetos que constroem o mapa de cada um são pessoais, que abordam sentimentos que nem sempre as pessoas são convidadas ou possibilitadas a expressar, e quando estas o são, por vezes, o estranhamento frente a esta situação pode causar constrangimento e a não realização da entrevista.

3 - No filme “Central do Brasil”, a atriz Fernanda Montenegro interpreta Dora, uma senhora aposentada que auxilia as pessoas na maior estação de trens do Rio de Janeiro - a Central do Brasil - através da escrita de cartas que essas pessoas queiram mandar para outras. A tarefa que você irá realizar em duplas, consiste:

- a) Procura de um espaço para sentar, de preferência, movimentado.
- b) Realização de um cartaz que ofereça seus serviços.
- c) Abordagem das pessoas que circulam na rodoviária e que queiram que vocês escrevam uma carta para que ela entregue a outra pessoa.

A terceira atividade, ainda que de forma diferenciada em relação a sua realização, consiste no mesmo objetivo que a segunda prática. Retira-se a entrevista - mais direta - e acrescenta-se a abordagem em que o entrevistador se torna ouvinte das histórias que aquela pessoa carrega. Também o aluno poderá interferir na narrativa que o passageiro lhe conta, fazendo perguntas que contribuam para que aquele conheça mais os mapas que fazem esse: qual o motivo de fazer a carta? Para quem ela vai? Para onde vai? Você já esteve lá? Qual foi seu meio de locomoção para chegar até lá? Essa atividade, porém, ao contrário da anterior, poderá resultar em um possível encontro - seja ele pessoal ou mesmo sentimental - das pessoas que estão envolvidas com a escrita da carta: o remetente e o

destinatário, ficando essa responsabilidade para o remetente, que depois de finalizada a carta, dará a ela o destino que preferir.

4 - Vá até o guichê de informações da rodoviária e solicite:

- a) As cidades mais procuradas para as viagens.
- b) As cidades menos procuradas para as viagens.

Anote esses dados e leve para a aula seguinte de Geografia. A partir desses dados, crie uma redação que inclua:

a) Um personagem que esteja vindo ou indo para uma das cidades apontadas nas informações.

- Dê a ele nome, idade, gênero, profissão.
- Qual sua família? O que fazem? Onde moram?
- De onde vem? Para onde vai?
- Você possui um lugar que tenha te marcado nesta cidade que está deixando? Qual é esse lugar? Por quê?
- O que você espera encontrar ao chegar na rodoviária da cidade que irá chegar?
- O que você sentirá saudades da sua cidade? O que não deixará saudades?
- Qual o motivo de sua viagem? Ela durará quanto?

b) Crie uma identidade visual para este personagem através das descrições que você fez dele.

c) Crie um mapa lúdico, que indique (busque auxílio em mapas políticos, de relevo e de vegetação):

- De onde o personagem está saindo.
- Para onde ele vai.
- Por onde ele passa.
- Quais as referências para ele desta cidade?

(Neste item, faça símbolos e desenhos, que demarquem os lugares, as referências deste personagem pelas cidades em que ele situa-se: a casa, a praça, a rodoviária, o local de trabalho, etc.).

Na última atividade, temos a prática juntando-se com a teoria. Assim como fizemos uma aula “pré-campo” sobre o conceito de lugar com o auxílio da música, nesta aula “pós-campo” utilizaremos dados obtidos na rodoviária que unir-se-ão ao conhecimento que o aluno adquiriu na sala de aula, mas sobretudo na saída de campo. Utilizando-se da lembrança das observações e percepções sobre a rodoviária e os sujeitos que a compõem, o aluno então - retira-se da figura de observador ou entrevistador que antes ocupava - para agora, ainda que imaginariamente, ser um dos entrevistados, dando-lhe uma identidade e o preenchendo de significâncias. A construção do mapa lúdico, mesmo que não tenha um rigor cartográfico de mapas construídos através de programas e softwares de computador, faz com que o aluno espacialize esse sujeito, dando a ele pontos de partida, de chegada e de passagem; e identificando as pessoas e lugares que compõem a existência desse sujeito no mundo, ainda que imaginário. Essa construção também faz com que o educando se aproxime de forma mais palpável - já que a realização do mapa se dá pelas suas próprias mãos - dessas estórias geográficas que ele criou no seu texto através do personagem e identifique que ao sair da folha de papel e da sala de aula, os espaços e lugares da cidade são abarcados também por múltiplos sujeitos compostos por geografias e estórias.

Ressalta-se aqui, que essas são possibilidades de práticas que podem ser utilizadas na disciplina de Geografia na escola e que surgem como alternativas para a quebra do distanciamento aluno-matéria-disciplina, tornando as aulas mais próximas. Entretanto, não são “receitas de bolo”, onde seguindo os passos coordenadamente se terá o resultado esperado: tratam-se de ideias - complementares ou não - que surgiram de necessidades próprias da autora de levar os seus lugares para a futura-possível sala de aula, tomando por base a Geografia pela qual essa última se constitui como cidadã e profissional. Deste modo, as práticas sobre a rodoviária produzidas neste trabalho, pela falta de oportunidade da experiência em sala de aula, ainda não foram colocadas em exercício pela autora; assim sendo, tornam-se também alternativas para um futuro próximo. Pode-se achar pretencioso a criação e a transmissão de práticas de ensino, sem antes utilizá-las e reflexionar sobre seus possíveis resultados; porém, elas foram construídas para serem (re)criadas e (re)significadas a cada uso, não ficando inerte ao tempo, aos sujeitos e aos lugares.

A RODOVIÁRIA NÃO É O FIM, É SÓ O COMEÇO.

Compete, portanto, ao professor, aguçar a sensibilidade e incluir em suas práticas pedagógicas itens que, embora não pertençam ao “consagrado” pela instituição escolar, favoreçam e desenvolvam o potencial criativo, que instigue a fantasia, a imaginação dos seus alunos. (MAXIMENCO, 2001, p.13)

A rodoviária, neste trabalho apresentou-se como lugar de fuga frente aos lugares comuns, tradicionais e habituais já conhecidos para as práticas de ensino de Geografia. A identificação deste espaço como lugar, parte também da necessidade em fazer com que a relação entre os sujeitos da sala de aula - educandos e educador - se torne mais próxima, visto que ao possibilitar que aqueles conheçam as geografias sentimentais e os lugares afetivos que o professor carrega, também abre-se a oportunidade para que eles assim exponham as suas geografias.

Não poderia este trabalho apenas apresentar as práticas de ensino que incluíssem a rodoviária. Fez-se necessária a revisão bibliográfica sobre o recorte espacial que o trabalho estava inserido - primeiramente a cidade, depois o lugar e por último a rodoviária - para que as práticas não fossem vazias ou ainda que não apresentassem nenhuma conectividade, ora por vezes utilizando o conceito de lugar apenas como geométrico, sítio; ora utilizando-o para falar sobre as consequências e resistências da globalização. Mesmo que as práticas ainda não foram exercitadas, elas foram construídas tendo por base um referencial teórico e servem como auxílio, para que sejam (re)modeladas conforme o contexto, não somente limitando-se a rodoviária, mas também trazendo outros espaços, como por exemplo estações de trem, de metrô e paradas de ônibus municipais.

Houve assim neste trabalho, o entrelaçamento necessário - mas por vezes ausente na sala de aula - a paixão do professor pela matéria, para que os alunos percebam também esta mesma paixão. A sala de aula não poderá ser um não-lugar, e a mudança para o lugar afetivo também passa pelo papel do educador, propiciando através da sua matéria que os alunos experienciem os espaços da escola com novas/outras percepções.

A criatividade para que haja uma mudança nas práticas de ensino já tão rotineiras deve-se fazer presente ao professor que deseja que seus alunos despertem interesse e sejam instigados pela curiosidade acerca de sua disciplina. Tornar o aluno coadjuvante ou mero receptor conteudista nos processos que

envolvem a aprendizagem acaba contribuindo para que a aula de Geografia se torne desinteressante, monótona e distante do aluno. Nem sempre a mudança será fácil e dará certo! A criatividade se faz necessária, mas também há que se ter um aporte teórico por trás dela para que a capacidade criadora e também a prática não sejam vazias, apenas para passar o tempo em sala de aula ou fora dela.

Sobretudo, trazer para a sala de aula os lugares pelos quais tenho afetividade e que estão marcados na minha memória afetiva, bem como abrir a possibilidade para que os alunos tragam seus lugares e os lugares de outros sujeitos, nos (re)coloca a cada oportunidade em uma atuação diferente: sendo observador, sendo entrevistador ou entrevistado. Importa assim que o aluno seja sujeito também desse processo de ensino, que ele através das suas contribuições que carrega de fora para dentro da sala de aula sinta-se participante da construção do conhecimento e atuante sobre ele: não há como despertar interesse em um procedimento onde nele me encontro na inércia. Essa mutação de papéis é o que de melhor o lugar proporciona ao ensino de Geografia e o que me fez - agora em primeira pessoa - abordar essa temática: no lugar, somos um e somos múltiplos: sou o lugar e o não-lugar ao mesmo tempo, a afetividade e a repulsa, o indivíduo e o coletivo. Sou participante, de forma ou outra, daquilo que me cerca e esse é participante de quem eu sou, da maneira que eu sou quando estou ali, como Fernando Pessoa através de seu heterônimo Álvaro de Campos, nos revela:

Trago no meu coração
Como num cofre que não se pode fechar de cheio
Todos os lugares onde estive
Todos os lugares a que cheguei
Todas as paisagens que vi através de janelas ou vigias,
Ou de tombadilhos, sonhando
E tudo isso, que é tanto, é pouco para o que quero.

Sentir tudo de todas as maneiras
Viver tudo de todos os lados,
Ser a mesma coisa de todos os modos possíveis ao mesmo tempo...

REFERÊNCIAS

ANDREOTTI, Giuliana. Geografia emocional e cultural, em comparação com a racionalista. In: COSTA, Benhur; HEIDRICH, Álvaro; PIRES, Cláudia (Org.). **Maneiras de ler: geografia e cultura**. Porto Alegre. Compasso Lugar Cultura, 2013, pg.83-89.

AUGÉ, Marc. Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas. Papyrus, 1994.

BERGAMIM, Juliane. **Arquitetura e geografia: como as diferentes ciências conceituam o lugar**. Marechal Cândido Rondon. Revista Geografia em questão. N.2, vol. 6, 2013, pg. 167-180

CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica**. São Paulo. Studio Nobel, 1997.

CASTROGIOVANI, Antônio Carlos. et al. (Org.). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. Porto Alegre. UFRGS, 2003.

CAVALCANTE, Sylvia; MOURÃO, Ada. O processo de construção do lugar e da identidade dos moradores de uma cidade reinventada. Estudos de Psicologia. Natal. N.2, vol. 11, maio/agosto, 2006.

CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**: Artes de Fazer. Petrópolis. Vozes, 2008.

COSTA, Benhur Pinós da. As relações entre os conceitos de território, identidade e cultura no espaço urbano: por uma abordagem microgeográfica. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Geografia: temas sobre cultura e espaço**. Rio de Janeiro. EdUERJ, 2005.

DICIONÁRIO Michaelis. Disponível em: <www.uol.com.br/michaelis>.

FERREIRA, Luiz Felipe. **Iluminando o lugar: três abordagens**. Boletim Goiano de Geografia. Goiás. N.1, vol. 22, p.43-72, janeiro/junho de 2002.

GRÜN, Mauro. **A Importância dos Lugares na Educação Ambiental**. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental. Rio Grande. Volume especial, dezembro de 2008.

HESPANHOL, Rosângela; MOREIRA, Erika. **O lugar como uma construção social**. Revista Formação. Presidente Prudente. N.14, vol.2, p.48-60.

LEITE, Julieta; ROCCA, Fabio La. **Formas e interfaces do urbano: sentido do lugar na cidade pós-moderna**. Revista Contemporânea. Rio de Janeiro. Ed.14, Vol. 8, N.1, p.3-11.2010.

LIMONAD, Ester; RANDOLPH Rainer. Cidade e Lugar: Sua representação e apropriação ideológica. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**. Publicação da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional. N. 5, p.9-22, maio. 2002.

MAXIMENCO, Iolanda. **Poesia: recurso fundamental para desenvolver o gosto pela leitura e produção de texto nas séries iniciais**. Caderno de Pesquisa de Educação Infantil e Séries Iniciais. Santo Ângelo, N.1, vol. 1, abril, 2001.

NOGUEIRA, Amélia. Lugar como a representação das existências. In: COSTA, Benhur; HEIDRICH, Álvaro; PIRES, Cláudia (Org.). **Maneiras de ler: geografia e cultura**. Porto Alegre. Compasso Lugar Cultura, 2013.

_____. A Geografia e a experiência do mundo. In: BOMFIM, Paulo Roberto, NETO SOUSA, Manoel Fernandes de (Org.). **Geografia e Pensamento geográfico no Brasil**. São Paulo, FFLCH-USP, Annablume, 2010

ORTIZ, Renato. **Um outro território**. São Paulo. Olho d'Água, 1999.

PESSOA, Fernando. Passagem das horas. In: PESSOA, Fernando. Poemas de Álvaro de Campos: obra poética IV. Porto Alegre: L&PM, 2008. pg..121.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo. Hucite, 1996.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia cidadã: por uma epistemologia da existência**. Boletim Gaúcho de Geografia. Porto Alegre. N.21, p.7-14, agosto de 1996.

SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. **Cidade: Lugar e Geografia da Existência**. Salvador. Editora da Universidade Federal da Bahia, 1999. Disponível em <http://www.belem.pa.gov.br/planodiretor/pdfs/GEOGRAFIA_DA_EXISTENCIA_TEXTO_MARIA_ADELIA.pdf>

SUERTEGARAY, Dirce. **Espaço geográfico uno e múltiplo**. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Barcelona. N. 93, 2001.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo. Difel, 1983.

_____. **Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução de Lívia de Oliveira, São Paulo, Difel, 1980.

VESENTINI, José. Realidades e perspectivas do ensino de Geografia no Brasil. In: VESENTINI, José (Org.) **O ensino de Geografia no século XXI**. Campinas, Papirus, 2004.